



EM BUSCA DA PERFEIÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O COLÉGIO SOTEROPOLITANO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (1930-1945)

Roselene de Souza Ferrante¹
Márcia Maria da Silva Barreiros²

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou analisar as relações pedagógicas femininas no período histórico denominado de Era Vargas (1930-1945) no colégio católico do Santíssimo Sacramento, localizado no bairro soteropolitano do Garcia. Para isso, procurou-se abordar alguns aspectos da cidade e da instituição escolar administrada por religiosas da Congregação do Santíssimo Sacramento, de matriz francesa.

Em um contexto de transformações postuladas pelo Estado varguista, percebemos um entusiasmo pela educação, dentro de um projeto de construção de nação pautada pelo progresso e normatização da cidadania. Os quinze anos dirigidos por Getúlio Vargas são lembrados não só por avanços sociais e industriais, mas também por medidas privativas dos direitos civis, principalmente a partir da instituição do Estado Novo em 1937 os dirigentes políticos passam a elaborar medidas que visam restringir as liberdades individuais. No plano internacional a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) envolvendo as maiores potências da época, alterava profundamente o cotidiano dos baianos, na cidade do Salvador mobilizações de estudantes para discutir os efeitos do conflito e relatos sobre hostilidades contra estrangeiros alemães e italianos, demonstram o clima de tensão na capital baiana. Instituições religiosas como o colégio das Sacramentinas organizavam freqüentemente gincanas e eventos, para arrecadar donativos para as comunidades católicas atingidas pela guerra.

O Colégio Santíssimo Sacramento na Era Vargas 1930-1945.

Em 1903 o Brasil apresentou-se como uma boa opção para as Irmãs Sacramentinas, desejosas por cruzar o Atlântico rumo à propagação da fé³, seu destino inicial era a Bahia, onde o Arcebispo Primaz Dom Jerônimo Tomé da Silva se comprometeu a auxiliá-las. Nos anos seguintes o colégio prosperou, outras Irmãs chegaram para aumentar a seara brasileira. Turmas de alunas sucediam-se, obras e associações religiosas floresceram. No ano de 1926 no bairro do Garcia, na cidade do Salvador, a Congregação adquiriu um terreno, graças ao procurador de uma família francesa ligada as Irmãs Sacramentinas o Dr. Cornélio Daltro de Azevedo, que deixaria o Brasil rumo à França, oferecendo um ótimo terreno às religiosas. Azevedo posteriormente participaria também da supervisão da obra.

No período de 1930 a 1945 o colégio foi melhorando e ampliando paulatinamente, já era considerada a melhor instituição para jovens na cidade do Salvador, seu público alvo era

¹ Graduanda em História com Habilitação em Patrimônio Cultural, da Universidade Católica do Salvador- UCSal, trabalho de Iniciação Científica com apoio Fapesb.

² Professora da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Orientadora

³ MENEZES, Verônica. **As Sacramentinas no Brasil**. Salvador, 1970. p. 26.



preferencialmente jovens da elite soteropolitana⁴. No final da década de 1930 e início da década 1940 foram anos de intensos acontecimentos políticos tanto no plano nacional com a instituição do Estado Novo, por Getúlio Vargas; quanto no âmbito internacional com a Segunda Guerra Mundial. A população soteropolitana acompanhava o desenrolar dos acontecimentos por jornais, pelo rádio e pelos cinemas, veículos de comunicação normatizados por um departamento específico do governo, que procurava principalmente enaltecer a figura de Vargas, mostrado como grande estadista e único capaz de afastar o mal do nazismo do solo brasileiro, embora seu governo fosse dividido em dois grupos os “germanófilos”, como Francisco Campos, Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra e os “americanófilos” como Osvaldo Aranha⁵. No princípio do conflito o Brasil declarou sua neutralidade, mesmo assumindo essa postura na Bahia adotou-se medidas de segurança pública principalmente contra estrangeiros, Bartolo Sarnelli⁶ lembra que nos anos da guerra havia um “clima de guerra na cidade”, em suas palavras ele afirma

Na época da Segunda Guerra Mundial, a cidade do Salvador parecia viver sob certa tensão, nada muito alarmante, mas havia um clima diferente, talvez por que éramos uma família de estrangeiros, uma família de italianos, ou seja, naquele momento nossa ascendência era inimiga. Meu pai era o que mais sentia esse clima, na época ele investia todo seu dinheiro na compra de casas, pois aos estrangeiros era negado o direito de possuir outros negócios. Depois com prolongar do conflito essa tensão diminuiu todo o verão nós íamos para a Península de Itapagipe em uma de suas casas, era um lugar lindo, muito aprazível. Passeávamos de barco e pescávamos muito, porque a região era de pesca. Esquecíamos esse clima ruim.

Com o desenrolar da guerra os dirigentes nacionais, encabeçados por Getúlio Vargas, optaram pelos Aliados (EUA, França e Inglaterra). Na cidade do Salvador era comum nesse período encontrar pessoas discutindo sobre a guerra os chamados “estrategistas de esquina”⁷ desejavam acima de tudo que o Brasil permanecesse neutro ao conflito.

Em 1942 com receio de que os alemães invadissem o Brasil, a partir da Bahia, os secundaristas soteropolitanos, se reuniram no Ginásio da Bahia, organizando sessões cívicas e passeatas, que percorreram a Avenida Sete de Setembro, entoando o Hino Nacional e a Marselhesa, rumo a Praça da Sé, instalaram palanques e fizeram discursos vibrantes, enaltecendo a FEB e as Forças Armadas. Essa mobilização não ficou restrita ao âmbito masculino; jovens estudantes de diversos colégios juntaram-se a essa mobilização, mesmo alunas de colégios católicos tradicionais como do Santíssimo Sacramento, participaram ativamente desses acontecimentos, realizando inúmeros eventos de caridade para arrecadar donativos destinados aos países amigos, que padeciam devido ao conflito, o dinheiro, roupas e objetos pessoais eram entregue a membros da Igreja Católica, que através da instituição fazia chegar às vítimas.

Buscando entender o cotidiano do colégio Sacramentinas e a atuação das estudantes na sociedade soteropolitana, conversamos com Yvette Amaral⁸ que entrou no colégio em 1934 com

⁴ Entendida aqui como segmento social e econômico que se mantém a parte da sociedade por representarem a personificação da Ordem.

⁵ MACEDO, Gleide S. **Cine Popular**: o cinema para as bolsas mais modestas, Salvador 1936-1945. Monografia Graduação História. UCSal, 2000, p. 39.

⁶ Bartolo Sarnelli, 82 anos, prático de navio aposentado, nasceu em Nápoles na Itália, chegou à Bahia com quatro anos de idade, entrevista em 18 de setembro de 2008.

⁷ SAMPAIO, Consuelo N.. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. In **Olho da História**. WWW. Olhodahistoria.ufba.br acesso em 19.12.2008.

⁸ Yvette Amaral, 80 anos, professora aposentada de Latim, entrevista em 03 de outubro de 2008



seis anos para a alfabetização, segundo a ex-aluna as classes médias e altas da cidade, colocavam suas filhas nas Sacramentinas, na Soledade ou nas Mercês, dando preferência aos colégios religiosos. A mãe de Yvette, a senhora Elza Meireles Lemos, também havia estudado nas sacramentinas, “mamãe citava nomes que não eram da minha época, mamãe estudou de 1910 a 1920, citava nomes de religiosas e alguns fatos de sua época no colégio que ficava em São Raimundo”. Por isso matriculou a filha sob cuidados das religiosas francesas. Recordando o momento de sua chegada ao colégio, Yvette descreve que a farda era uma blusa branca, com saia grená e gravatinha triangular, semelhante a dos homens, e o escudo bordado CSS (colégio Santíssimo Sacramento), completando com o chapéu. Posteriormente o tom grená foi substituído por azul, também acompanhado com chapéu azul, para uso externo. Devemos destacar que ex-aluna não explicita maiores sentimentos em relação ao primeiro dia na escola, apenas que encarava como um dia normal.

Yvette Amaral também recorda-se que o colégio não eram tão rígido quanto outros administrados por freiras, por haver externato, ou seja, muitas jovens tinham acesso a rua e as notícias da cidade, Amaral classifica como “suave” a disciplina, mesmo sendo colégio de freiras, havia mais “liberalidades”, as sacramentinas eram mais acessíveis, principalmente em relação as Mercês, consideradas mais fechadas, embora não fosse permitido o uso de maquiagem, roupas curtas, enfeites como colares ou argolas, objetos que chamassem a atenção.

As disciplinas eram basicamente as mesmas ministradas atualmente, português, latim, aritmética, geografia, história, ciências naturais, arte (música e desenho), para as mais velhas (antigo ginásio, atual ensino médio) havia ainda as disciplinas de francês, inglês e costura. Quanto aos horários até a quinta série se estudava em período integral e de segunda a sábado; depois pela manhã e três tardes.

Quanto às sociabilidades, Yvette Amaral relembra com entusiasmo as competições inter-colegiais

Naquela época, da guerra (entre 1940-1945) havia uma Parada Cívica de marcha, no dia 2 de setembro, enquanto no dia 7 de setembro era a Parada Militar, todos os colégios, públicos e privados, participavam da Parada Cívica, havendo uma enorme disputa entre dos colégios que se apresentassem em marcha, recebendo um título de melhor colégio daquele ano. Passávamos a semana inteira antes da competição treinando, aqui mesmo pelas ruas do Canela, saímos com o treinador e depois com as alunas que ficavam de monitoras, fazíamos aquilo com um orgulho enorme, por que ia disputar um título para o colégio, usamos a farda de ginástica, branca tipo tecido de chemise com golinha branca de manga curta, já que a farda convencional era de manga comprida, com meia no comprimento que a aluna desejasse.

Entremeando as lembranças do colégio das Sacramentinas nas décadas de 1930-1940 e suas recordações da cidade Yvette Amaral descreve o seguinte cenário

Eu sempre morei aqui no Canela, desde seis anos de idade, foi uma das razões inclusive de estudar nas Sacramentinas, porque a gente ia e voltava andando, a cidade era tranqüila com um número muito reduzido de carros, eram pouquíssimas as alunas que iam de carros, a não ser aquelas muito ricas, 90% ou até mais não tinham carro, a maioria morava próximo ou ia de transporte público, nem tinha ônibus nessa época, era bonde mesmo, tinha-se até passe estudantil, que o aluno comprava como hoje, pagando um valor reduzido. A



região do Canela e do Garcia eram de casas coloniais, cada casa bonita, tem uma que hoje em dia está acabada que é a Residência Universitária da UFBA, era uma casa linda, defronte também havia uma casa muito bonita. Eu morava quase defronte a atual reitoria da UFBA, minha casa também era grande com um lindo jardim, tinha muita casa bonita aqui no Canela, que terminava praticamente na atual Defensoria Pública, o restante até o vale, era uma roça da família Otávio Machado. O Bonde vinha até ali, no fim do Canela, depois voltava para o terminal, no Centro Histórico. Na Cidade Baixa, os bondes terminavam ali no Elevador, e a comunicação entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta era através do Elevador Lacerda mesmo e do Plano Inclinado, atrás da Catedral. Não existia ônibus, era uma vida sem correria.

O colégio das Sacramentinas elaborava muitas comemorações, festas da primavera, missas, novenas, torneios de vôlei, futebol, etc. Uma dessas comemorações corriqueiras ganhou destaque no Diário de Notícias de 1945 “ao calor de maravilhoso sol primaveril realizou-se ontem 12 de outubro, nas Sacramentinas, uma festa movida pelas alunas da 4º série, em benefício dos índios brasileiros”. Yvette Amaral também recorda-se dessas comemorações

Houve muitas festas, quando eu cheguei à maior festa foi à inauguração da Capela-Mor em 1936, foi muito marcante. Eu queria um bem doido ao colégio, era uma alegria viver lá, e por isso eu participava muito da vida do colégio, naquele tempo, nós tínhamos um movimento da Igreja de missões, nós angariávamos donativos para enviar as missões, em países distantes, dentro do colégio havia um estímulo muito grande para isso. Outro dia eu estava comentando aqui em casa que quando eu estava na segunda série do ginásio, tinha, portanto 14 anos (1944) eu e mais quatro colegas fizemos uma festa, no antigo campo da Graça, que hoje não existe mais. O estádio de futebol, naquele tempo, não era a Fonte Nova, era na Graça, nós conseguimos fazer um torneio de futebol entre o Vieira e o Marista, contando com aquela parte de lanche e salgados feitos por nós.

Inúmeros outros eventos foram organizados pela estudante, principalmente nos anos da Segunda Guerra Mundial, o colégio também procurava mobilizar a sociedade para a doação de donativos para as pessoas atingidas pelo conflito, já que uma das obrigações católicas é a caridade.

Ao analisarmos de um modo geral o depoimento de Yvette Amaral, percebemos uma nítida preocupação em responder objetivamente as indagações, a impaciência das primeiras respostas foi superada no transcorrer da entrevista, a postura de professora de Latim, saiu de cena quando o assunto girava em torno de amenidades. Assim, compartilhamos com Portelli⁹ quando afirma “oradores da classe média, aprenderam a imitar no discurso a monotonia da escrita” pois o ritmo e a entonação tende a não variar muito, as palavras são buscadas cuidadosamente em um rico vocabulário, com vistas de não deixar dúvida quanto ao que é falado e para dar força ao discurso.

Assim, ao ministrar uma educação pautada em valores cristãos, seguindo as necessidades de acalantar o coração feminino das vaidades profanas, o colégio S.S. Sacramento transformava as jovens em vitrine para a instituição, na medida em que elas difundiam o seu bem sucedido

⁹ PORTELLI, Alessandro. O Que Faz A História Oral Diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, n.º 14, São Paulo, 1997, p. 29



método educacional. Por outro lado o colégio também funcionava como reprodutor das divisões sociais, pois apenas a jovens abastadas que podiam contar com tais benesses pregadas pelas religiosas, as jovens de baixo poder aquisitivo e/ou órfãs eram encaminhadas ao Colégio São José, vizinho ao prédio principal do colégio Santíssimo Sacramento, também contavam com a administração das religiosas, porém com menos recursos.

A educação voltada para a formação de mulheres visando transformar a nação pode ser observada na introdução do hino das Sacramentinas “Nesta escola se educam meninas, preparando o Brasil de amanhã, sob as leis imortais e divinas da perfeita doutrina crista”, mais adiante “Na tarefa sublime e divina, de dar filhos à Pátria sem par, as alunas das Sacramentinas, hão de ser o esteio do lar. O porvir deste solo adorado, a pujança de nosso Brasil, só dependem do nosso cuidado juventude cristã feminina”¹⁰ mostrando que apesar da modernidade e progresso, o lugar primeiro da mulher é o lar, pois conforme cuida bem da família contribui positivamente para a nação, pois são elas que educam os homens que governam a sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Estudar uma instituição religiosa é sempre um grande desafio para o trabalho do historiador, o acesso aos arquivos é uma das tarefas mais árduas nessa jornada. Os periódicos nem sempre ajudam a descortinar e entender os eventos, muitas vezes pelo excesso de adjetivos e falta de precisão nas informações, talvez por que nesse período obras e instituições ligadas a Igreja Católica eram vistas apenas pelo aspecto positivo. Através das fontes orais, um “novo mundo”, apresenta-se a ouvidos atentos, são caminhos entremeados pela memória, história, identidade e principalmente experiências cotidianas, elementos humanizadores. Trabalhar com a oralidade exige do historiador atenção e análise crítica permanentemente, pois muitos desvios cabem na fala e na lembrança, alguns intencionais, outros naturais da própria memória.

Nesse estudo mesmo quando trabalhamos a cidade, privilegamos o uso das fontes orais, embora não tenhamos desprezado fontes escritas e reflexões de outros autores. Cada pessoa monta em sua memória um cenário rico e único, assim, cada indivíduo têm uma lembrança diferente da cidade, enaltecendo alguns aspectos, rejeitando ou esquecendo-se de outros. O depoente ao falar da sua cidade, além da descrição, entremeia os fatos com sua própria experiência, com uma espécie de energia pessoal para cada cenário, tornando a descrição fascinante, assim depoente e entrevistador passam a compartilhar a mesma memória de um determinado acontecimento.

As experiências das ex-alunas sacramentinas são carregadas por diversos sentimentos, alguns conseguimos perceber em suas falas e em suas expressões corporais, outros permanecem nos esconderijos da memória. A principal característica observada em todas as depoentes é fazer ser entendida, em um encadeamento lógico e cuidadoso na fala, as palavras são escolhidas, em um vocabulário rico e sofisticado. Também o jeito maternal no agir e na fala, são nitidamente percebidos; esse aspecto por ter diversas interpretações, mas acreditamos que principalmente pela educação religiosa que enaltece a figura da Virgem Maria, como mãe, dotada de aspectos como: passividade, disciplina, ternura e amor, sempre vista como um exemplo a ser seguido; pelo modelo de mulher da época, ou seja, dedicação sacerdotal ao marido e aos filhos, por extensão a pátria; e devido à própria profissão, pois todas as depoentes haviam sido professoras, vistas como uma segunda mãe, um exemplo de virtudes.

¹⁰ Hino As Sacramentinas, Letra professor Roberto Correia e música do maestro Dr. Aurélio Laborda. Não conseguimos saber o ano em que foi criado o hino, tudo indica que na primeira metade da década de 1930.



O Colégio do Santíssimo Sacramento em Salvador, desde sua fundação no Garcia em 1926 atuou de forma intensa na sociedade soteropolitana, sendo também uma extensão da própria Igreja, embora o colégio apresentasse uma grande autonomia, contava sempre com a colaboração da Santa Sé para suas atividades, que descrevia as Irmãs Sacramentinas como boas religiosas e ótimas administradoras.

Através das gincanas, feiras, torneios esportivos e coleta de donativos, o bem sucedido método pedagógico do colégio podia ser visto pela sociedade, como uma vitrine de virtudes, pois a instituição era uma das mais bem conceituadas da Bahia, recebendo mensagem de agradecimento do próprio presidente Getúlio Vargas, saudando os serviços prestados a capital baiana na década de 1930.

Assim, para entendermos uma sociedade é importante o estudo de suas instituições religiosas, pois desde o final do século XIX a educação da juventude apresentava-se como um campo privilegiado para atuação da Igreja. Através das Congregações Religiosas tanto femininas quanto masculinas; a Santa Sé podia manter sua presença e influência nas camadas altas e médias da sociedade, contribuindo para a formação escolar de cristãos, prontos para exercer o poder político sob sua orientação. Para as classes pobres, também havia um colégio, porém a formação visava à profissionalização, no máximo enfermeiras e professoras. O prestígio das congregações femininas permitiu o desenvolvimento de uma rede de escolas particulares, pelo qual passa o crescimento institucional, já que as Igrejas locais muitas vezes se associavam as congregações, e desenvolviam projetos comuns.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORI, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos) 9.ed. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007

PASSOS, Elizete Silva. **A Educação das Virgens**: um estudo do cotidiano do colégio Nossa Senhora das Mercês. Rio de Janeiro, Editora Universitária Santa Úrsula, 1995.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz A História Oral Diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, n.º 14, São Paulo, 1997.

THOMPSON, Alistair. Quando a Memória é um Campo de Batalha: envolvimento pessoal e políticos com o passado do exército nacional. In: **Projeto História – Cultura e Representação**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: Educ. n 16, 1998.